

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE NOVEMBRO DE 1909

N.º 259

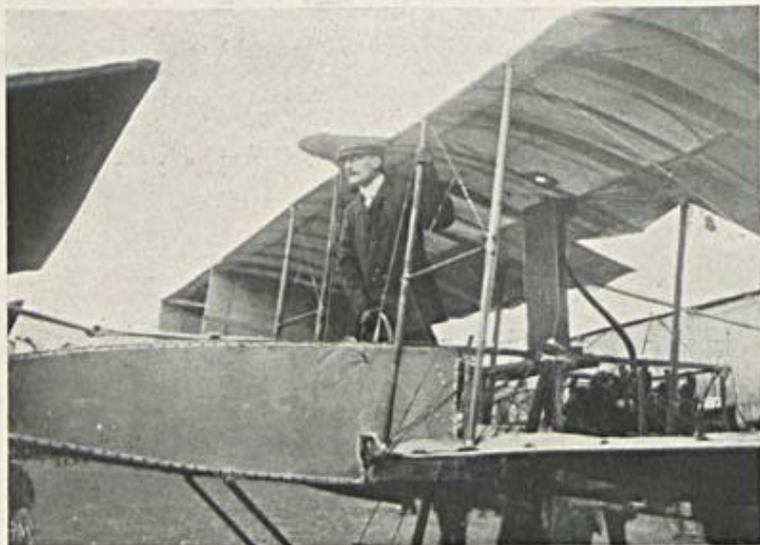
## ASSUMPTOS RELIGIOSOS



**Santa Maria Magdalena**

*Cópia d'um quadro de Rubens existente na Cathedral de Roma*

## A primeira experiencia de aviação em Portugal



No hyppodromo de Lisboa

O aviador Zipfel no seu aeroplano Voisin preparando-se para a largada

Não foi das mais felizes a primeira experiencia de aviação realizada no nosso paiz. O aparelho, depois de deslizar suavemente pelo solo uns 30 metros, elevou-se até 10 metros de altura, n'uma distancia total de 300 aproximadamente, para afinal, ou por causa do vento ou em virtude de falsa manobra do aviador, cahir no solo, partindo-se-lhe varias peças e salvando-se Zipfel por milagre. Foi annunciada a segunda experiencia que o vento não deixou realisar.

Armand Zipfel tem apenas 25 annos de idade e já ganhou o primeiro premio n'um concurso de aviação em Berlim.

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

José de Sousa Monteiro. Uma modesta homenagem à memoria de um morto illustre. O seu culto pela «Belleza.» A sua arte requintada. A sua personalidade inconfundivel. O erudito e o artista. «Os Amores de Julia». Sousa Monteiro e a critica. Uma opinião. Homens de letras e homens de bellas-letras.— O velho «Martinho» e o «Martinho» novo. Luxo, grandeza, garridice. Lisboa embasaca deante do grande botequim. Vem a proposito fallar da attitude das creanças deante de uma caixa de brinquedos e de pessoas de cerimonia, na sala de visitas. Tambem vem a proposito fallar nas botas do gigante José Lopes. Conclusões.

No seu ultimo numero, à ultima hora, o *Brasil-Portugal* só pode summariamente noticiar em simples rubrica que acompanhava o retrato de José Maria de Sousa Monteiro, o fallecimento d'este douto escriptor. Não permittiram as urgencias do momento à direcção d'esta revista a elaboração e publicação do artigo especial,



A primeira experiencia de aviação em Portugal  
No hyppodromo de Lisboa

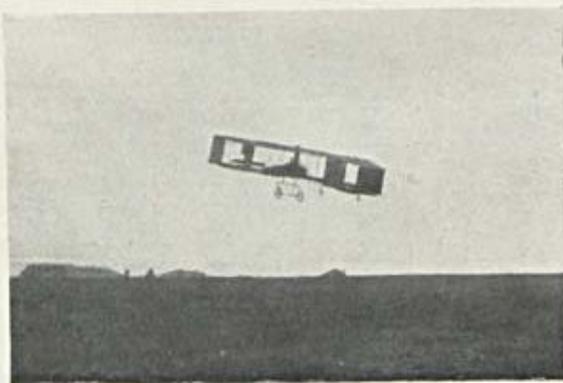
A apresentação do aparelho ao publico

por tantos titulos devido á memoria d'essa egregia figura de escriptor que, mercê da sua excepcional cultura e da sua pessoalissima maneira de prosador, destacava como uma das primaciaes figuras da ala dos nossos intellectuaes.

Sobre mim não tomo tão honroso quanto difficil encargo, já por me fallecerem meritos e auctoridade para tanto, já porque ninguem me incumbiu a tarefa. No entanto, eu não ficaria bem commigo, se ao abrir a chronica d'este numero não consignasse algumas palavras á memoria do illustre morto, que o respeito, a veneração, direi melhor, que elle soube merecer de nós todos, os que lidamos no labor das letras, naturalmente impõe. A todos. Que importa que elle não tenha deixado discipulos, infelizmente? Nem por isso deixou de ser um Mestre. Foi um grande artista na mais alta aceção da palavra. Amou a Belleza e toda a sua obra, toda, é um hymno á Perfeição-Suprema. Se, por vezes, entre nós, a sua inspiração foi excedida, nunca o foram o seu senso esthetico nem a perfeição da sua maneira. Um grande artista, um grande estheta. Quer em prosa, quer em verso. Deixa paginas verdadeiramente modelares. *Os Amores de Julia* bastariam a aureolar de gloria o litterato se tivesse escripto esse livro em francez. E' um trabalho monumental. E' um assombro de erudição, é uma maravilha de technica litteraria. Um livro que difficilmente terá rival em qualquer litteratura, insisto. Sinto uma grande consolação em dizel-o, agora, que ninguem me pode apodar de adolador, e n'uma época em que ainda se esgotam rapidamente successivas edições de Sienkiewicz n'esta malfadada terra.

A sua grande virtude de artista, foi, para muitos, o seu grave erro. Acoimaram-o de confuso, arrebicado, prosador torturado. Oh, os criticos, os criticos! . . . Neste caso fazem-me lembrar as creanças briosas que na escola ainda soletram na cartilha e a quem o professor responde quando ellas pedem para passar á leitura da classe superior.— «Não, o menino ainda não pode ler por cima!»

Eu bem sei, eu bem sei o que elles querem dizer na sua; ainda agora o diz Emile Faguet respondendo a um plebiscito posto pela *Revue*, com bastante nitidez: «o melhor litterato é o que escreve com maior simplicidade e clareza.» Será o melhor, será; mas nada leva a crer que seja o maior. Eu convenho que essa simplicidade e clareza preconizadas são essenciaes a todo o escriptor que



A primeira experiencia de aviação em Portugal  
No hyppodromo de Lisboa

O aeroplano na maior altura do seu vôo

durante o seu trabalho pense e de facto escreva para a multidão. Mas não era esse o caso de Sousa Monteiro, diplomata por officio e litterato por *dilletantismo*, cultor apaixonado dos classicos que lhe eram familiarissimos, academico, e, no labor litterario, um verdadeiro joaheiro da palavra. A sua prosa inconfundivel, os seus versos, não os escreveu elle para o grande publico; foram, por assim dizer, o seu culto externo pela Belleza, muito individual, por isso mesmo muito sincero. Escrever com clareza e com simplicidade é escrever bem? Porque? Porque é assim que se escreve para todos? Mas nem todos conhecem a sua lingua, antes bem poucos estão familiarizados com os seus segredos. Logo se escrever com clareza e simplicidade é escrever bem, escrever com justeza e rigor é escrever melhor. Elle não escreveu bem? Perfeitamente. Não escreveu bem — porque escreveu admiravelmente.

Era um academico. E porque o foi a valer — prestando relevantissimos serviços á Academia —; e porque os assumptos que se comprazia versar a outra maneira litteraria se não prestavam; e porque foi um cultor tão escrupuloso quanto delicado da palavra — assim escreveu. A sua penna não era espontanea, fluida. D'accordo. Mas o que perdia em espontaneidade, ganhava em riqueza; o que perdia em fluidez ganhava em brilho. Elle não foi,

simplesmente, um homem de letras: foi um homem de belas-letras.

Deixou uma obra fecunda, muito notável. Não é este o lugar próprio para a apreciar devidamente, nem nos abalaríamos a tal commetimento. Mas a nossa admiração e gratidão obrigam a uma especial referencia ao livro citado e a uma soberba accomodação do *Falstaff* que é, de todas as que conhecemos, e são quatro, a mais perfeita não só pela elevação e justeza da linguagem como também pela viabilidade theatral.

Em José Maria de Sousa Monteiro perdeu-se alguém que não deixa substituto para o seu lugar de saliente destaque nas nossas letras. E perdeu-se também um homem de grande perfeição moral, exemplo de raras e nobilissimas virtudes. Foi um espirito lucidissimo e uma grande alma.

... Mas sabes, meu leitor, que bom é escrever de creaturas assim! Honrando-lhes a memoria, honramo-nos a nós proprios!

Aquelle celebre *Martinho* que durante os ultimos sessenta annos offereceu o assento calido dos seus assentos de crina aos assentos hemorroidados dos politicos, dos artistas, dos jornalistas, dos militares, e os seus ecos á palavra candente das discussões exaltadas, quer se tratasse de chamar pulha a um ministro ou idiota a um litterato; esse café onde o sr. Theodoro, amanuense do Ministerio do Reino e protagonista do *Mandarim*, foi tomar o seu moka na tarde de domingo que precedeu a noite da sua ventura, ouvindo os «verbosos injuriar a patria»; o café do Valentim, das classicas torradas de Meleças — morreu. Morreu ha mais de um anno, cerrando as suas portas, empilhando as suas cadeiras e as suas mesas, expedindo para casa do velho Julião as suas admiraveis pratas: os lindos bules, as graciosas leiteiras, os bellos assucareiros. Puzeram tapumes e o martello funcionou. Tudo veio abaixo: cantarias e tradições, soalhos e lenda, estuques e recordações... O *Martinho* cahiu em homenagem ao espirito mercantil, de facto, e na opinião de pessoas conspicias em homenagem ao senso esthetico e á civi-



A primeira experiencia de aviação em Portugal  
No hyppodromo de Lisboa

Depois da queda. — O publico examinando as avarias do aeroplano

lisação, que entre nós se vão afirmando poderosamente por meio de espelhos, cadeiras e pinturas arte-nova. Foi-se. Pelas paredes esburacadas entrou a luz, não sei se com L mausculo, illuminando os recessos d'aquella velha e saudosa loja, sombrios e calmos, onde era grato tomar uma chicara de café com um amigo — nos longiquos tempos em que o café e os amigos não faziam mal ao coração da gente...

Elle ahí está, o *Martinho* novo. E digo o *Martinho* novo porque não se tratou de renovar o velho *Martinho*. Este morreu. O que ahí está é outro; não tem sequer parentesco com aquelle. Não se percebem vestigios do velho botequim no botequim novo. Desappareceu tudo: as grandes chavenas de transatlantico, as pratas, os *beefs* de lombo, os creados — até os creados: o Francisco, o Manuel... Vieram creados hespanhoes, creados francezes para o novo *Martinho*. Francezes e hespanhoes. Os portuguezes não servem para creados. E, valha a verdade, ainda menos para patrões. Depois d'isto ninguém ousará gritar contra uma possível administração estrangeira. Quando é preciso mandar vir de fora gente para nos servir, é logico que de fora venha, sem ser chamada, gente para nos governar...

Elle ahí está, o novo *Martinho*, lindo, garrido, luxuoso. Tão lindo, tão garrido, tão luxuoso, que toda Lisboa embasbaca deante d'elle. Embasbacaram as pessoas que primeiro o viram, á porta fechada, a convite dos donos da casa, já com a bocca atochada de galantine e o bigode pingando Champagne; pasma esse sujeito de chapéu de côco e frak, gravata preta e punhos de côr, que é o sr. Toda-a-gente; pasma o mirone, depois de ter pasmado deante das botas



Um attentado

Fachada da igreja de S. Luiz Rei de França

Factos succedidos n'alguns paizes da Europa e ultimamente entre nós — os attentados contra as igrejas de São Luiz Rei de França e do Corpo Santo — estão dando razão ás palavras de Sua Santidade o Papa Pio X quando, referindo-se á execução de Francisco Ferrer, disse que a religião ia ser atacada em todo o mundo.

Claro está que uma cousa nem authorisa nem justifica a outra, mas os factos vão apontando o alto criterio de Sua Santidade.



Um attentado

Igreja de S. Luiz Rei de França. — A parte do edificio que deita para as escadinhas de S. Luiz, vendo-se n'uma das janellas os estragos produzidos pela bomba

## A Duqueza de Aosta em Lisboa



Partida de Sua Alteza para a ilha da Madeira  
A Senhora Duqueza embarcando



A Duqueza de Aosta em Lisboa  
Partida de Sua Alteza para a ilha da Madeira  
Sua Alteza a bordo do paquete «S. Miguel»  
(Cliché de J. Benollet).

do gigante José Lopes. E para todos aquillo é uma grande coisa — quasi que uma só bota do José Lopes.

Eu ainda não vi o *Martinho* interiormente. Mas já passei por elle e mirei-o, de relance. O que eu vi, bem, magnificamente, com o auxilio da minha luneta de myope foi a legião dos embasbacados. E não sendo um physionomista, não me foi difficil lêr em muitas, em muitíssimas caras, um sentimento que era um mixto de pasmo e de vexame. Oh, não neguem, não vale negarem!... O *Martinho* vexa muita gente pela sua grandeza, pelo seu luxo, pelo seu deslumbramento. Lisboa não tira o chapéu ao *Martinho* com receio de que o *Martinho* lhe vire as costas... Lisboa sente que o *Martinho* está aqui de passagem, como um artista celebre; não se convence de que aquillo seja coisa para ficar, para lá se entrar, sentar-se a gente, bater as palmas e mandar — mandar, allí dentro! que lhe sirvam uma chicara de café, um calice de vermouth, uma orchata...

Lisboa tem passado em frente do *Martinho* como uma creança pobre deante d'uma grande caixa de lindos brinquedos, olhos arregalados, bocca aberta, cabeça descahida...  
— Isto será para mim?!

E Lisboa tem razão. Lisboa não entrará no *Martinho*, com os seus creados francezes e as suas cadeiras de *peluche grenat* e d'elle fugirá, como as creanças fogem da sala, onde estão pessoas de cerimonia... As creanças fogem para a cosinha e vão esconder-se nas saias das creadas; Lisboa fugirá do *Martinho* e irá procurar refugio entre os aventaes da creadagem do *Suisso* e do *Montanha*.

Lisboa não ageita com aquillo. Seria preciso ensinál-a. E quem ensina estas coisas em Lisboa é o estrangeiro. Era preciso que o estrangeiro cá viesse e entrasse por allí dentro sobranceiro e se sentasse e ordenasse ao creado sem o olhar — sem os olhar, aquelles senhores francezes! — que trouxesse isto, aquillo. E que ao sahir atirasse uma prata para a bandeja — e não esperasse pelo troco. Lisboa, no melhor dos casos, habituar-se-ia a tudo, tudo faria — menos deixar de esperar pelo troco...

E depois, o francez... Saber ou não saber francez, eis a questão! Pois Lisboa que não sabe francez ha-de lá ir entender-se com aquelles srs. creados de França, tão *chics*, tão distinctos, que nem parecem marselezes, por acenos? Pois Lisboa, que sabe francez, ha-de ir allí deixar o seu generoso vintem de gorgeta, para ter a ventura de ouvir rosnar um *sale bête!* ao cavalheiro que o serviu, como se um vintem não fosse muito bom dinheiro?

Não, não! E' impossivel. Lisboa tem razão. O *Martinho* é uma outra bota do José Lopes — talvez mais difficil de descalçar...

CAMARA LIMA.

## INFORTUNIOS EGUAES

«Pesez les sentiments d'un fils dans la balance:  
Du coté de la mere incline le plateau.»

FRANÇOIS COPPÉE.

Minha mãe! Minha mãe!  
Quando vires mais triste o meu olhar  
— o amargo e triste olhar do teu filho mais triste —  
recorda-te d'aquelle anceo em que me viste  
um dia, a constatar  
a egualdade fatal das nossas dôres;  
porque eu vira que a dôr que rugo, de amargores,  
em mim é expressão atavica do pranto  
que existe no teu ser desgraçado, soffrente,  
e nos torturará, lancinará, portanto,  
do transito da vida á morte, cruelmente.

Mas de toda essa magua e de toda essa dôr  
que sobem do meu peito aos meus olhos maguados,  
fiz minha mãe ha muito o meu unico amor  
— o amor á tua alma —. E' sempre, pela dôr  
que se amam, a chorar, todos os desgraçados!  
Amôr que, se era grande, engrandeceu-se mais,  
quando, enfim, comprehendí que o destino trouxera  
eguaes, para ambos nós, soffrimentos cervaes,  
egual, contra nós dois, o seu rancor de fera!  
E assim, d'estes eguaes infortunios provém  
a affinidade triste, esta mutua attracção  
que dá maior pureza e maior perfeição  
ao meu amor de filho e ao teu amor de mãe!

Minha mãe! Minha mãe! Ai! como é forte o instincto  
que em ti faz reflectir meu grande soffrimento;  
porque quando te fito, eu creio, penso e sinto  
ser só a nossa magua o nosso pensamento.

(Do livro «Os Parozismos», a sahir brevemente)

Santos Vieira.



Conselheiro Antonio Emilio Correia de Sá Brandão

† em 20 de outubro de 1909

Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, par do reino, ministro d'Estado honorario, conselheiro d'Estado, Antonio Emilio de Sá Brandão, que succumbiu a uma cachexia senil, na avançada idade de 89 annos, foi uma das figuras caracteristicas da sociedade portugueza, pela nobreza do nascimento, e, mais ainda, pela nobreza das qualidades pessoais que em larga escala dignificaram os altos logares hierarchicos em que consagrou a vida publica, de cidadão e de magistrado, uma tão dilatada e util existencia.

# BARCELLOS



O brasão da villa



e em Portugal houvesse um bocadinho mais de orgulho pátrio e de ternura pelo passado, Barcellos teria garantida a peregrinação de todos os portuguezes.

Mas, cada um tem os defeitos das suas virtudes, e esta faculdade incomparavel do portuguez — o homem mais intelligente do mundo —, de assimilar, e essa outra predisposição polyglotta que o habilita, como ninguem mais, a percorrer o globo, fez d'elle uma creatura desraizada á força de cultura e propagandista convicto das bellezas estranhas, acabando por esquecer as suas.

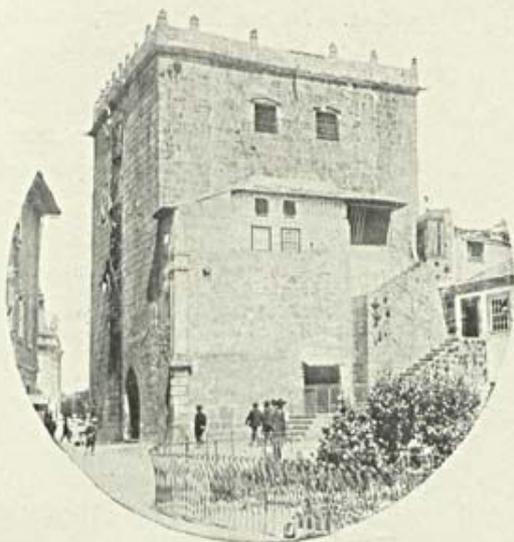
Tenho encontrado homens que depois de falarem com amoroso calor da *Capella Sixtina*, se lastimam de desconhecer os *Jeronymos* e a *Batalha*; e muitos que acclamam a Suissa nunca pozeram os pés na nossa magestática Serra da Estrella.

E Portugal é tão lindo!

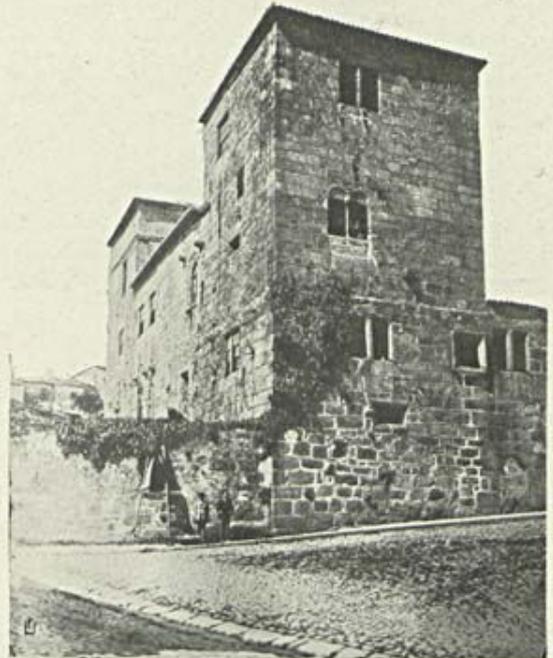
Como tudo quanto se estuda, succede que quanto mais se estuda Portugal mais virtudes se lhe descobrem e mais bellezas se topam, ineditas e inegalaveis.

Viram esse intenso e chromatico quadro de costumes que é a apañha do sargaço no mar da Apulia, não é verdade?

Pois se se derem ao trabalho de folhear a bibliographia portugueza, verão que nenhum escriptor o descreveu, e apenas José Au-



Barcellos. — Torre da Porta Nova



Barcellos. — Solar dos Pinheiros

sagens do Rhêno, farto de vêr a cosmopolis do pincaro da cathedral do Passado, gradeada de mattas e enaltecida por agoas; retornava de pisar os pantanos de *Montmartre* e de lustrar as minhas sandalias impuras nas bentas pedras da Igreja do Rosario, de exorcismar o ouvido — onde a *trotteuse* do Luxemburgo e da *Rue des Ecoles* instillára a sua musica peccadora —, nos canticos fervorosos da Gruta de Lourdes, e de lavar o olhar, sujo das nudezas do *Marigny*, nas agulhas da cathedral de *Köln*; entrava estonteado de seis mezes de



Barcellos. — Torre de Curutelo

gusto Vieira, numa pagina do *Minho Pittoresco*, fala no sargaço e nos sargaceiros sem, todavia, pôr de pé as figuras e sem descerrar a téla.

Tanto que o primeiro pintor, a quem transmitti a impressionabilidade d'essa colheita que tem por scenario uma enseada de azul de

paisagens celebradas, de lances d'olhos recommendados, de perspectivas apeteçadas, de descriptivas de povoações lidas de pontos dominantes e historicos.

Pois bem! na mesma noite que cheguei a Lisboa fui jantar a uma casa amiga da rua Castilho, e ao sair, metti á rua da Escola Poly-



Barcellos. — Paços do concelho

technica e D. Pedro V; descia justamente e distrahidamente a tomar o Elevador da Gloria quando, a subitas, sou deslumbrado por um estonteamento de luzes entre que negrejavam dorsos de colinas, cupulas de edificios, recortes de fortalezas, um amphitheatro de casaria desenhada numa encosta, trazida na abada d'um imprevisto panoramico.

No primeiro momento, suppuz-me ainda nessa vagabundagem

em que se almoça num expresso, se janta num porto e se vae dormir a bordo d'um transatlantico que nos acorda ás 5 horas da manhã com o seu guttural *Dowers!* imaginei-me ainda nessa movimentada e suppresante vida errante pelas estranhas terras e estranhas gentes, e perguntei entre mim:

— Onde estarei eu?!...

No esforço de me orientar, accordei:

— E' S. Pedro de Alcantara!

E era, com a sua ravina de luz, as eminenencias do Castello, da Graça, o seu córte de colyseu, trecho de descriptiva que os meus olhos, regressados de imponencias gabaróllas, ficaram a considerar, como descripção d'um tracto de cidade, lida na pagina de um mestre.



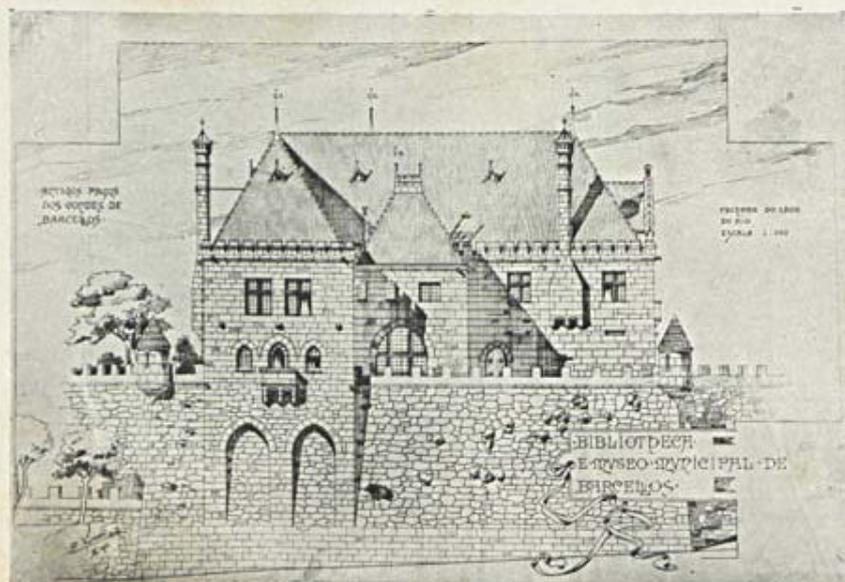
Barcellos. — Casa de Num'Alvares



Barcellos. — Ruínas dos Paços dos Condes de Barcellos e pelourinho gothico



Barcellos. — Fachada da Collegiada



Barcellos. — Planta da reconstrucção dos Paços dos Condes de Barcellos (Projecto Korodi)

Naturalmente os jornadeadores elegantes, relacionados com a *Regent-Street*, com a *Rue Royale*, com a *Friederich-Strasse* hão de rir-se de eu ter a coragem de lhes dizer que estaquei pacovivamente a admirar, enlevado, o disfructo de S. Pedro d'Alcantara depois de me ter debruçado da *Eiffel*.

E' logico.

E é por isso tambem que, tirante a praia e a therma de nomeada que elle frequenta, e as cidades marcadas no mappa por pontos górdos, Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, o portuguez ignora o seu pais, apesar de andar a pe pelas capitães do mundo como se viajasse á roda do seu quarto, sem as disiracções de Xavier de Maistre.

Deus meu! mas essas mesmas quatro ou cinco cidades das suas relações, como as conhece elle? Ainda no anno passado uma senhora de uma familia que eu pilotei pelas venerandas pedras de Guimarães, me confessava em Vizella:

— Já estive em Guimarães ha uns doze annos, e sabe? Julguei morrer de aborrecimento! Por isto, vão, que eu espero-os aqui refugiada a uma sombra do Parque.

— Ora diga-me: o que viu em Guimarães?

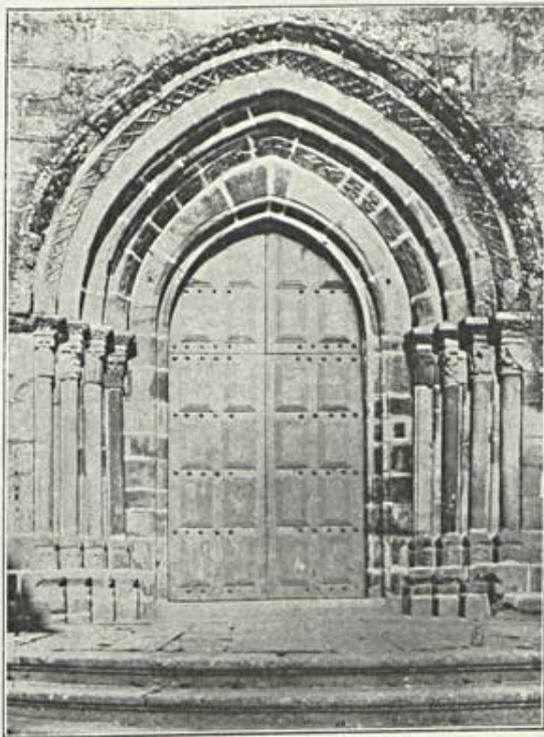
— Nada! Pois se lá não ha nada que ver...

— Levaram-a ao Castello?

— Não!

— Mostraram-lhe o sacro thesouro da *Collegiada*?

— Também não!  
 — Lembra-se das formosas e exemplares janellas gemminadas do Paço dos Duques de Bragança, o mais sumptuoso solar da península?  
 — Nem sabia da existencia d'elle; estou a dizer-lhe que sahi do



Barcellos. — *Porta da Collegiada*

hotel, dei uma volta no jardim, subi umas ruas estreitas, desci outras eguaes, e deitei a fugir para a estação!...

E, demovida d'este horror ao historico e riquissimo musen que é Guimarães, esta senhora voltou para Vizella a lamentar que houvessemos ido tão alcançados de tempo, e a pedir-me que a acompanhasse d'ahi a dias, a completar a commovida visita.

O que acabo de depôr sobre o precioso burgo vimaranense, repetir-se-ha com Barcellos.

Guimarães é o berço do *Fundador* — Barcellos é o berço da dynastia reinante.

Guimarães é o seculo xi, atravessado pela multidão proletaria e



Barcellos. — *Mosteiro de Villar de Frades*

industrialista do seculo xx — Barcellos é um amas de casas brazoadas cada uma das quaes resume um capitulo de historia patria, e é a tela rural do mais desaffogado concelho de Portugal.

Mas como as bicas thermaes do Eirôgo são por ora menos re-



Barcellos. — *Ermita do Bom Jesus da Cruz*

nomeadas do que as Caldas de Vizella ou as de Santo Antonio das Taipas que ladeiam Guimarães e para lá mandam passear diaria-



Barcellinhos. — *Ermita da Senhora da Ponte*

mente os seus hospedes como se faz ás creanças quando ha doenca em casa, Barcellos nem sequer tem essa forçada razão em numero bastante para o pais entrar a visital-a.



Barcellos. — *Chafariz do Campo da Feira*

Pois Barcellos é uma reliquia e uma lyrica que entronca nas mais formosas paginas da dynastia d'Aviz.

Não está já, como a transcreveu Duarte d'Armas, guardada de muros, de fossos e contra-fortes.

Os pannos da muralha cahiram, e a villa desassombada ficou apenas rodeada de valles contemplativos, de montes onde arde a sanha guerreira e a alampada mostense, bastando-lhe essa fragil e respeitante grade de milharas e de pinheiros, circumscrevendo-lhe o jardim e a moradia, como vedações de cannaveias assignalando a propriedade d'um canteiro.

Das quatro torres a que amarrava essa muralha de defesa com que o 1.º Duque de Bragança enfaxou Barcellos em pequenina, só uma sobrevive, rija, desempennada, sem lhe faltar um unico dente á sua corôa d'ameias, nem que por ella não houvesse passado a animadaversão de cinco seculos.

E' a Torre da *Porta-Nova*, um só corpo quadrangular que ainda no seculo XIX ouvia ás noites os mercadores da visinhança resar o terço em gloria de Nossa Senhora d'Abbadia que, do cimo da *Porta*, abençoava quantos penetravam a villa por essa servidão, e hoje — deposito de condemnados, — apenas ouve o grito das suas guardas presidiarias.

Contudo, velhinha como é, ainda ampara contra si casaria moça que já vem mais fraca do que ella, mas ainda pôde connosco ás cavalitas para nos mostrar a villa e termo de Barcellos — paciente avô



Barcellos. — *Campo da Feira com o edificio da Misericórdia ao fundo*

riscando, pelo tino, o círculo cortical: o Bom Jesus de Braga, por cujo pendor as manhãs limpadas vêem o fupicular grimpar; o Samedeiro alveando na tradição negra da Falperra, Midões, Roriz promettendo confiarnos os seus segredos prehistoricos, a Alheira, o repousante valle do Tamel, Santa Leocadia, Quintiães e o Monte dos Feitos.

Parallelo ao arco que da Franqueira ao Tamel passa em Roriz, rastreja a estrada da Povoia e Villa de Conde, mirando-se na fradesca serenidade do Cavado.

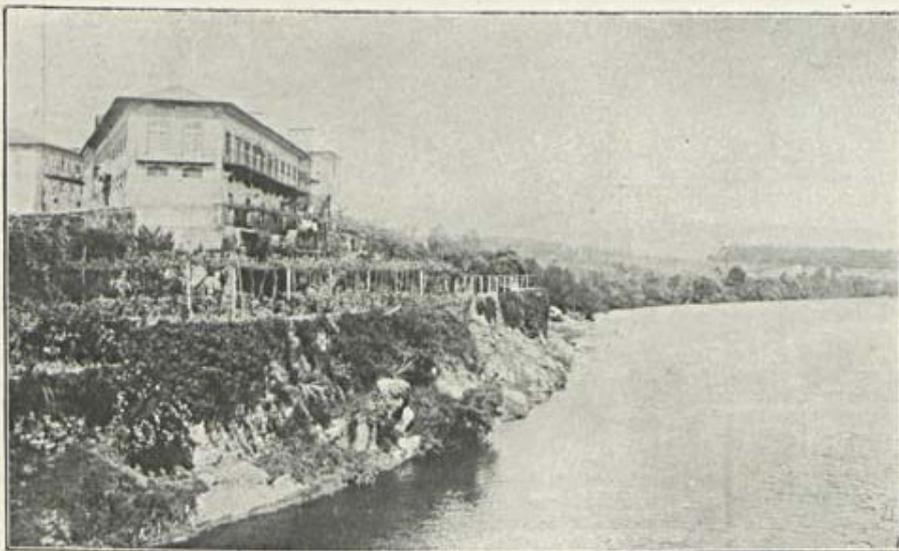
Normal ao outro arco, a estrada de Espozende, aos SS como cyclista novato.

Depois, nos círculos concentricos, as linhas envolvidas são cada vez mais fixas e mais claras até verdejarem nas terras de pão, cantarem nas vergas dos bardos.

E, por entre esse bucolismo que aqui toma o maior espaço, o espaço sagrado que as cidades esmagam com a sua hyperdensidade populatoria e envenenam de luzes, de doenças, de trapos; por entre essa fartura agricola que em cada socalco contém uma amostra do jardim minhoto, perfurando a verdura, acotovellando arvoredos, furtando por onde quer um pouco de luz á cellula vegetal, espicham, como pescôcos, pinhas de cornijas nobiliarchicas e brandões de cantaria sacra, beirras melancolicos de telhados, a cal e a ôcca das fachadas dos solares e dos corpos das torres a apolgar o esplendor do chlorophilino mundo.

Ao acaso, circumvagando, o resto traz-se numa abada: a matriz de Barcellinhos, as quatro paredes solarengas dos condes-duques de Barcellos, careadas e tristes, as ameias do palacio municipal, encostadas, na ficção da perspectiva, ao panno lateral da Collegiada, a grade d'um mercado, leitões de ruas quadriculando o povoado como pautas muito grossas pelas quaes se vae trémulamente alinhando a casaria, já alta ás vezes, já citadina, já indistincta, já monotonamente civilisada, por entre a qual, de quando em quando, esvoaça a pluma d'um brazão ou mesura um arco.

Olhando a pique, como quem mede assustado a altura a que se encontra, parece lá de cima que mesmo chegado á torre, e com effeito,



Barcellos. — *Margens do Cavado*

levantando nos braços um netinho para lhe dar a ver uma procissão ou um panorama que a multidão encobre á tarréuice do petiz.

Nos seus tempos um dos pontos do polygono envolvente, a torre é hoje o centro da terra barcelloense, a melhor espia, portanto, donde a retina lhe escoldrinha as suavidades, lhe levante a carta corographica da descriptiva e lhe alveje, com a flecha do enlévo, os seus contornos — um desafôgo de horizontes com alleluias de céu, liberdades plainas, refugios enterneccidos de montes, sêdes d'agôa e sombras de latada em torno.

Lá encavrapitados á laia de rapazio em dias de deslile, entra-se a inventariar a scenographia, mão em pala alpendrando a vista pormôr do sol que já vae rellorindo de esperanças os bordões peregrinos da vinha.

E Barcellos revela-se-nos, então, em disco, como se d'um globo de cartão traçassemos um horisonte visual para a demonstração da espherocidade da terra.

Marcando o horizonte, ronda, de atalaya, uma zona peripherica, engrenada de sérros, tratados e ferteis, em cujos verdes nem sempre a luz bate firme e que nessas horas veladas perdem a sua alacridade de granjas para esmorecer numa diffusão que as carbonisa, inté lhes deitar ao de riba um desolador aspecto de lapa.

Desde o monte da Frauqueira, ainda com pedras do cavalheiresco Castello de Faria, até dar no monte d'Ayrô que pranteia na ruina do seu mosteiro á grandeza da fé que floriu a rocha, do sul pr'o nascente vae-se



Barcellos. — *Ponte de Barcellos a Barcellinhos*

a poucos metros, rumoreja a norte o chão onde outr'ora comeu um soute que as Freiras de S. Bento e os Capuchinhos começaram, com seus mosteiros, pelo norte e nascente, a limitar em terreiro, acabado pelos Senhores da Camara e pela Fé popular, aquelles murando o Sul com o *Passeio das Obras* (paredão de cantaria com seus poiaes



Coronel João Dias da Silva

† em 20 de outubro de 1900

*O coronel João Dias da Silva foi fulminado pela morte aos 37 annos. Como official do exercito não o havia mais destemido, mais prudente e mais pundonoroso, e estas grandes qualidades que nunca o abandonaram na corporação da policia civil, em que foi um chefe exemplar, reconheceram a cidade de Lisboa, que só esperou a morte do valoroso e ao mesmo tempo bondoso militar para, atravez de um acompanhamento fúnebre, de uma homenagem posthuma, mostrar o apreço em que tinha o seu nome e o respeito que consagrava a sua memoria.*

de disfrute onde a desconfiança rustica bate a moeda da feira), a Fé assignalando o poente com o octogono de Santa Cruz.

Entre esse chão e a *Porta-Nova* armava Barcellos, nos seus principios, as tendas da sua feira semanal que cabia aqui a um canto, agachadinha ao pé da torre; depois, a villa cresceu, a população do termo inchou, a permuta entrou tambem a botar corpo, e o Municipio, gizando um chafariz — concorrida taberna de burricos — no centro do Campo já desassombrado de castanheiros, passou para lá a Feira.

Assim se fundou o *Campo da Feira* que as quintas de cada semana edificam e povoam, trazendo-lhe a animação do seu gado, a candura da olaria regional, o sympathico archaismo das alfaias de ferro para cosinha e lavoura, o colorido ingenuo das mantas de far-

## Funeral do coronel Dias



Aspecto do cortejo dirigindo-se para o jazigo

(Cliché de A. C. Lima.)

rapos, o apetite das hortaliças e a fartura cerealifera, em machos ou em carros de bois que, desajugados e vasio, de vara ao alto, se perfilam num alinhamento marcial de carros boers guarnecendo a face d'um bivaque.

E' o dia grande, o S. Miguel, o festival e o inferno de Barcellos,

dia em que se compra e se vende para a semana toda, em que se consulta o advogado e se vae á Fazenda, á Camara e á Parochia, acompanhado e guiado pelo chefe politico de cada qual, — emfim, o Dia de Feira, identico em todo o pais e igual em todo o Minho.

Na quarta-feira, por tarde, começam desde as duas a chegar os carreiros; e toda a santa noite calcam os penetraes da villa novas rodas ruraes.

E' uma vellada em que mal prova do somno quem pousar ali pelas proximidades da *Calçada*.

D'ahi p'ró dia, o rumor sobe com o sol.

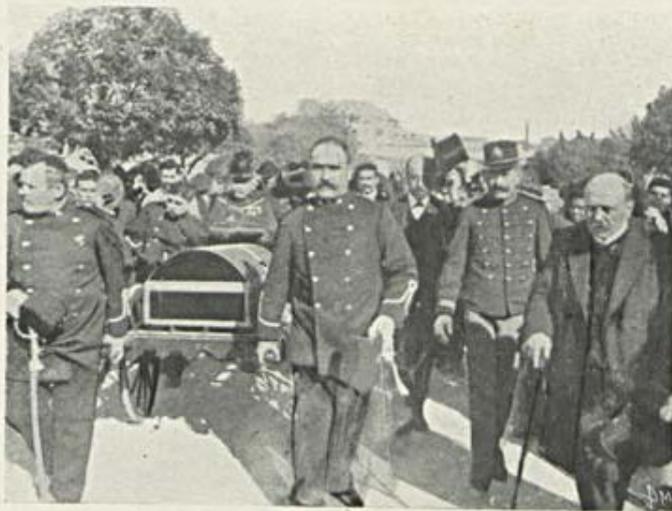
Rumor ao principio feito de passadas, de bater de sóccos, de estímulos ao gado, de topadas dos carros nas sub-ródas, multiplica-se ao deante pelo falatorio das mulheres entre-narrando-se os seus atrazos, as suas quisilias e os seus males, pelo pregão das raparigas dos tremçoos e o apéllo das da louça, pelo desordenado vozeio de freguezes e vendedeiras marralhando o negocio.

Ao bater do meio-dia, o arruido esmoreceu num sussuro, 'té que a derradeira badalada de todo domina a insurreição do silencio que nem o frio da noite agonisante nem a torreira da manhã haviam movido á rendição.

Os chapeirões cambam das ferripas para o peito; sob o docél das arvores como ao desabrigo do sol, onde calhar estar a essa hora, a chusma estaca paralyzada e temerosa a elevar as graças!

E' como se uma síncope cardiaca cortasse o respiro ao nucleo ou como se pelos tres reinos da criação se houvesse entornado a paz absoluta.

O ponderoso aviso das torres, rebate de morte para o mercado, reconduz Barcellos ao seu trem de vida ordinario, em que — com a serventia do seu rio sussurrante, a frescura dos seus portaes nobres, as suas fachadas venerandas, os seus arvoredos circuitando ruas var-



Funeral do coronel Dias. — Os chefes das esquadras

(Cliché de A. C. Lima.) conduzindo a carreta funeraria

ridas e pouco passeadas — alembra, semana adeante, a cerca d'um mosteiro onde raro monje atravessa do côro para o refeitório.

E este aspecto aguarda fiel a seguinte quinta-feira em que pelas portas da vila volvem, invasores, o movimento e a fartura agricola.

Mas estamos a um domingo de maio, incendiado por um calor de pyra, e o *Campo da Feira* vae partilhado de barracas de *Cômes e Bebés*, de summárias lojas de tamancos, de mezas de cotins e montes de ferragens, entremeados com manadas de carga e tiro, e de vehiculos desatrelados, de museu.

Uma unica vez no anno, fóra da classica quinta-feira, isto assucede: na *Festa das Cruzes*, em que a fraqueira do mercado agricola é coberta pela gala rustica dos plyntos e das aranhólas de iluminação, em que não falta povo, nem generos, nem pocira, nem reboliço, nem mosca fresca, abundantemente chegada pela manhã no cangote dos bois e na crina dos machos, mas em que o *Campo* tem mais um aspecto de arraial, do que de *Feira* donde a gente levanta para ir, nós o vemos d'aqui, ajoelhar a Santa Cruz.

Foi, justamente, neste campo e no chão venerado d'esse templo que, ha cinco seculos, o sapateiro João Pires teve a visão de uma cruz preta «de tres covados, & meyo em comprido, & dons covados, & tres quartos em ancho, & de largura a quadra della de hum palmo & em todo por igual. O povo cavava, tirava a terra e logo a cova se tornava a encher.»

Ha quem olhe a apparição das cruzes — que o povo não quer que haja sido uma, antes muitas —, como os cruzamentos de veias anegradadas d'argilla schistosa, carregada em geral no escuro, e de mediana dureza. Vêem, apenas, nestas veias anegradadas, ramificações concomitantes dos schistos carbonosos do sitio da terra negra, a que atravessa a estrada publica entre Braga e Porto.

O povo na apparição das Cruzes viu Deus.

E logo defendeu e floriu esses covados de milagre, com uma cerca de pedrinhas onde signalava, ás trindades, o oleo da fé.

A fama do divino signal correu, alteou, os crentes do phenomeno foram fazendo monte e amontoando-se foram bem assim as pedras

## A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff

do murado até a altura d'uma ermida, subindo até ao perpiano d'uma egrejinha, ascendendo até esse actual zimbório de Santa Cruz, vindo a ser hoje, a crenga das Cruzes, de pedra e cal, como o mesmo templo.

A ella se reduzem as romarias do concelho, a ella se reportam todos os anniversarios, tenções e destinos da familia rural.

Com ella se gastam as economias da colheita e com ellas se apégam dôres de entredados e sonhos de moços. Para as cruzes ficaram addiadas merendas, offeras de gado e pedidos de amor.

O Solar dos Pinheiros, as ruinas dos Paços dos Condes-Duques, o casal de Nun'Alvares cujas armas na testada humilde a cal criminosamente obturou, os capiteis da Collegiada e os azulejos do Terço; todos esses miliarios da historia barcellense o concelho e circumvisinhanças ignorará. Agora que, numa dada sexta-feira, Nosso Senhor traçou com seu dedo omnipotente o symbolo do seu martyrio, isso não ia velho nem novo que o não saiba, o não creia e o não venere.

E é expressamente para beijar os pés do Senhor da Cruz que pés de cachopas que nunca padeceram o captivo d'uma malha d'algodão, ao chegar à barreira, pousados os cestos de quatro azas e os manachos, calçam umas meias brancas; que tres districtos, mal luziu o buraco, deitaram a jaqueta e a vara ao hombro; que se perdeu o amor a umas corças, se assassinou muito gallo e immolou muito cabrito.

Estrada de Ponte do Lima em fóra, a manhã encontra o Minho



No acampamento hespanhol. — Grupo de soldados festejando o dia da Senhora do Pilar

todo, direitinho a Barcellos: as eguas dos abbades, grossos reve-rendos já de barba feita e missinha no pápo; *chars-à-bancs*, com seus tejadilhos a tremelicar como coifado de velha; bandos campestres com jardins desabrochando de cada lenço, um pomar em cada cor-pete; cyrios pagãos de vianezas e de mulheres de Villa de Punhe, d'oval judio e olhos gulosos, chacoteando do trajecto com suas dan-ças de roda e tanger de adufe, primavera nos trajas e estival nas vo-zes, encanecendo ao pó, rejuvenescendo à luz.

Até o meio dia ainda se feira. Mas ninguem tem socêgo p'ra mercar nem p'ra vender, e ao dar das doze badaladas, as vendedei-ras são as primeiras que levantam do *Campo da Feira*, põem o *es-tabelecimento* à cabeça das moças, siem para o termo com o cesto da fatiota festeira e, a recato de qualquer ansa do caminho, desves-tem-se, enfiam a melhoria, expõem os grilhões e as inculcas, cum-prem a penitencia de calçar um par de meias e dão, então, entrada na villa comoromeiras, com uma pompa que o *Campo* nunca viu, nem mesmo em certa hora do seculo xviii em que, para o re-manso do seu mosteiro, por li passaram as liteiras das freiras de S. Bento.

Depois é orar e amar.

São tres dias, assim. Dei-xemos dobar essas setenta e duas horas de alvorôço, para então irmos passear as nobilissimas ruinas da fidalga villa de Barcellos cujo glorioso san-gue corre nas veias da historia de Portugal.

Offerece-se-lhe primeiro a *Porta-Nova* cujo primeiro piso foi a residencia do chefe-mil-itar e que hoje está toda dada a cadeia publica. Essa porta, o postigo do *Pecegal* e um curto fragmento de muralha são os poucos destroços que attestam a defeza de Barcellos do seculo xvi. Cumprida de passagem a veneração d'essa reliquia estrategica, deixemos o nosso cartão de visita nos *Paços do Concelho* fadado pela primitiva fabrica para uma só torre e que o crescimento ad-ministrativo, alargando-o, fez deitar duas torres, uma a cada angulo da fachada, apontada a



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff

A marquiza de Valparaíso que ha tempo partiu para Mellila afim de prestar serviço como enfermeira nas ambulancias da Cruz Vermelha



Paz Ferrer

A filha de Francisco Ferrer, cujo sentidissimo telegramma, implorando do rei de Hespanha o indulto de seu pae, só foi entregue depois da sentença estar cumprida.

nascente e a poente por dois braços de Barcellos. O mais sumário exame a essas duas pedras lhes notará discordância.

E' que o *Brazão* barcelense tem padecido verdadeiras detracções, cuja historia é simples e hoje apurada; encomendando os senhores da camara um sinete em que desejavam figurassem as armas de Portugal e as armas de Barcellos, o gravador, como não dispuzesse de espaço bastante para os dois signos, não esteve com meias medidas; traçou um escudo, partiu-o ao meio, como uma dona de casa de hospedes repartindo um salão em dois quartos de tabique, e d'um lado inscreveu as armas do Reino, do outro as de Barcellos, e estas, mesmo assim, assaz modificadas. Do sinete passou o hybridismo para a fundição de candieiros de iluminação publica, aonde o foram buscar para modelo do brazão de pedra d'uma das torres (a do poente) dos Paços do Concelho, e para a decoração do tecto do salão nobre do edificio.

Estancou o disparate o bom entendimento do dr. Augusto Monteiro, quando presidente da Camara, a quem a competencia do dr. Ferraz expoz a deturpação de que andava sendo victima o innocente brazão de Barcellos; e tanto bastou para que o dr. Augusto Monteiro mandasse lavrar o brazão que ia erigir-se em outra torre, conforme as indicações do dr. Ferraz que forneceu a copia do que a Torre do Tombo authenticou mas que ainda não era o authentic.

Foi mezes depois que o acaso — um dos melhores servidores do historiador e do archeologo — fez encontrar a authentica pedra d'ar-

nas suas lages ossos illustres, cujos tumulos inscripções pomposas, entremeando a letra heraldica e a redação humoristica (como o verso que segue) assignalam:

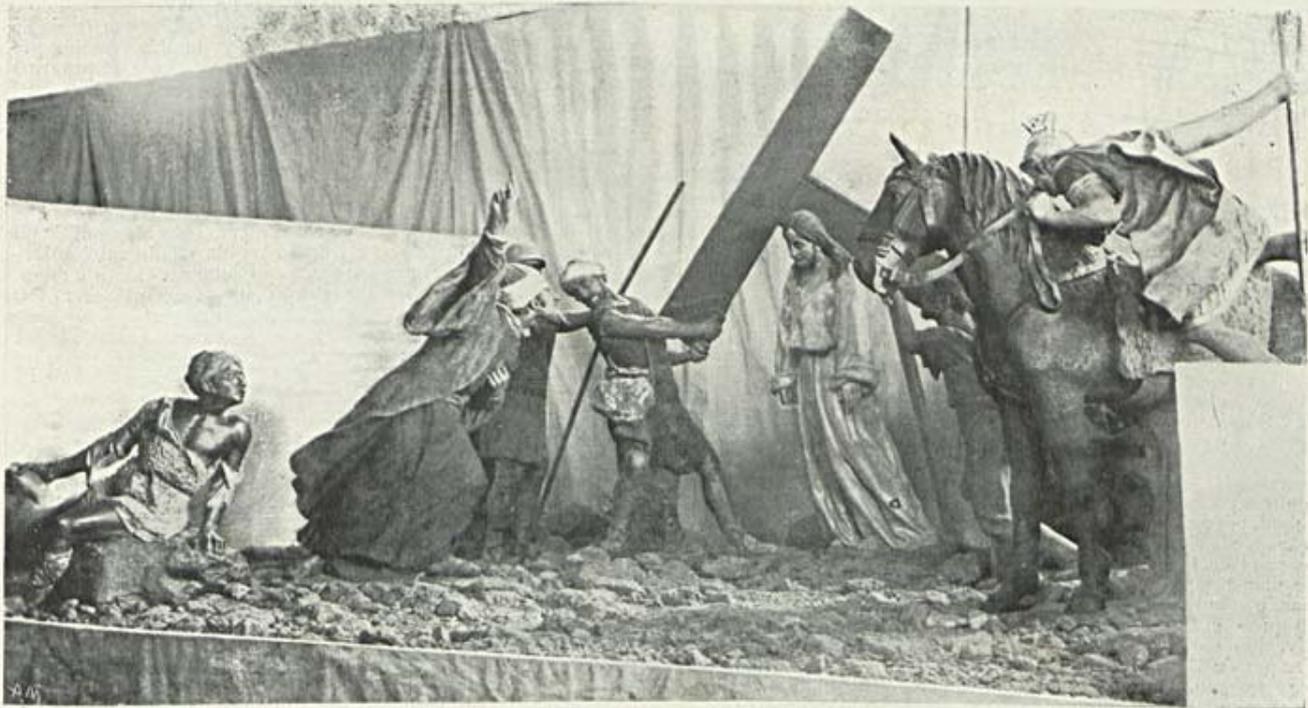
«Aqui jaz contra seu gosto  
do grão Fernando um vassallo  
que jamais subiu a cavallo  
depois que n'elle foi posto».

Outr'ora um passadiço ligou esse templo, por tantos titulos notavel, aos paços dos Condes-Duques; hoje tem de se ir de roda pela primeira porta lateral ou pela porta principal, merecedora de que n'ella se ponha os olhos alguns instantes e cujos capiteis o dr. Ferraz estuda, na presumpção de que elles o ajudem a ratificar a persuasão de que data do seculo XII a Collegiada.

Esses Paços dos Condes-Duques de Barcellos que a inverneira de 1800 derrocou, trata Barcellos de os reconstruir para adaptar a uma bibliotheca e museu publicos, tendo adquirido em 1874 as desmanteladas ruinas á Casa de Bragança, hoje já um pouco amparadas.

Embora a pormenorisação architectonica e simpleza de processo constructivo o emparelhem confusamente ás demais residencias senhoriaes, suas coevas, d'Entre Douro e Minho, o paço dos Condes de Barcellos destaca-se do geral do solar do norte de Portugal e

## Trabalhos de Raphael Bordallo Pinheiro (1)



Partida para o Calvario

(1) Veja-se a nota que sobre o assumpto publicámos no n.º 258 d'esta Revista

mas de Barcellos, desenterrando de uma entulheira, removida no terreno da Camara, uma primitiva pedra em que, bem conservada, se lê toda a letra do brazão barcelense e que vem a ser: Um escudo em tres ordens; no fundo d'elle um rio — o Cavado — com uma ponte de cinco olhos e ameadada nas guardas — tal qual era a ponte primitiva que ligava Barcellos e Barcellinhos —; no principio da ponte uma torre e no fim d'ella uma ermida e um carvalho — a ermida da Senhora da Ponte e o Carvalho, seculares porticos de Barcellinhos; no meio do escudo tres torres, postas em fileira, mais pequenas que a primeira — symbolo das quatro torres que atavam a muralha barcelense do seculo XVI. No alto do escudo tres escudetes e comprovadamente ser o authentic, é o que deixamos archivado numa das nossas foto-gravuras, florindo com a sua graça a nossa pagina glorificando o grande valor e a grande intuição archeologica do nosso proecto amigo e illustre confrade dr. Antonio Ferraz, um dos barcelenses illustre da actualidade, bem como a probidade attenta e o bom sentimento de accertar do character e do talento do dr. Augusto Monteiro.

Visinha, demóra a collegiada cuja fabrica está hoje um pouco confusa, pelo restauro que um benemerito mas ignorante conego fez em tempo e cujas columnas foram esganadas e asphyxiadas pelo pesado emparelamento de azulejos. Ladeada de altares, outr'ora capellas privativas da nobreza, entre as quaes ainda hoje, do lado do calice se respeita a da familia Pindella, a Collegiada sepultou

Castella por — enquanto que a regra era um corpo central flanqueado de torreões, casas annexas, etc., fechando pateo, — aquelle emergir d'uma planta irregular, sem grandes corpos altaneiros, com o andar nobre á flôr do solo, acessivel portanto.

Começado já o restauro conforme a soberba planta de Korodi, cujo aspecto geral transcrevemos numa das nossas photo-gravuras, dificuldades de subvenção arrastam esse sonho que só uma effectiva ajuda governamental ou uma dedicação sentimental de El-Rei D. Manuel II, em homenagem ás paredes que abrigaram seus avós, poderá pôr de pé, cumprindo assim a promessa com tanto enthusiasmo feita por El-Rei D. Carlos. (1)

No terreno onde em idos tempos demoraram habitações annexas a essas pedras solares dos paços dos Condes-Duques e que o municipio apeou para alargamento da rua que vae direita a Collegiada, murado e fechado, á espera de ser circuitado de grama e de flôres, conserva-se o *Pelourinho*, monumento gothico, absolutamente reconstituído como era, com a sua corrente bifurcada noutras duas rematadas cada uma em sua gargalheira para exposição de criminosos. Não tem, porém, apenas o méro e vago interesse d'uma reconstituição mas sobretudo, o de ter sido armado com suas authenticas peças, achadas e discriminadas pela competencia do prestimoso barcelense dr. Ferraz: a columna encontrada a servir de supporte a um candieiro de iluminação publica, o capitel gothico

(1) Vide D. Carlos, o Desventuroso, 2.ª edição, 1909, 1 vol. in-8.º por Joaquim Leitão.

resurgido do entulho removido na parte nova do edificio dos Paços Municipaes.

Fronteiriço o *Solar dos Pinheiros*, a celebre Casa do Solar dos Pinheiros de Barcellos, conhecida tambem por Palacio do Barbadão (R. do Barbadão) hoje, por herança do conde d'Azevedo, em poder do muito illustre e muito illustrado sr. José d'Azevedo e Menezes, da Casa do Vinhal, Villa Nova de Famalicão. O arruinado e interes-



Um grande incendio na Avenida Casal Ribeiro, ao Maladouro  
Aspecto geral das ruinas

Foi fertil em grandes incendios, em Lisboa, o mez de outubro. Este, a que se referem as nossas gravuras, deu-se n'um predio em construção na Avenida Casal Ribeiro, sendo calculados os prejuizos em mais de 12 contos de réis.

sante solar é constituído não sómente pelas casas que o dr. Pedro Esteves edificou em 1448 e seu filho Alvaro Pinheiro ampliou no ultimo quartel do seculo xv, mas tambem pela nobre morada de D. Diogo Pinheiro, talvez avoenga, reedificada no reinado de D. Manuel. Comquanto muito deteriorado e deturpado, accusa, ainda o solar as formas primitivas, já nas suas janellas, algumas de primoroso trabalho artistico, já no seu pateo interior, incompleto mas que devia ter sido de bello effeito decorativo, e já finalmente nas duas torres de tres andares que se erguem nos angulos norte e sul da fachada principal, podendo considerar-se um bom monumento typico das habitações senhoriaes de Portugal e do norte de Hespanha no seculo xv. Na cornija da torre que olha para o paço dos condes de Barcellos, vê-se uma figura de pedra representando uma cara de homem com barbas, e com as mãos postas n'ellas, tentando arrancal-as. Diz uma lenda que esta figura significa o fundador d'esta casa, arrependendo-se enraivecido contra o conde D. Alfonso (9.º conde de Barcellos e 1.º Duque de Bragança) por não lhe permittir altear mais as torres do seu palacio. Outra versão tradicional explica que o *Barbadão*, como geralmente chamam a essa figura, representa o mesmo fundador protestando vingança pela seducção d'uma sua filha, allusão aos amores d'el-rei D. João I com uma senhora d'esta familia — D. Ignez Pires, a *commendadeira de Santos*.

Mas ao que parece aquella figura, intrusa na lenda do *barbadão* e repetida na torre meridional, é uma viva reminiscencia do estylo romano, um dos muitos exemplares das reedições gothicas.

Com um passeio a Barcellinhos — berço do Senhor Bispo do Porto, D. Antonio Barroso, nobre figura de pastor — pela ponte que liga Barcellos á ingenua *Senhora da Ponte*, no extremo do viaducto, um olhar de preito á *Casa do Santo Condestavel* que se encontra, contornando pelo poente os paços do concelho, na rua dos Açougues, e uma visita á *Capella de S. Francisco*, mandada edificar por Fernão da Costa Chaves, moço-fidalgo, cujo portico, do seculo xvi, é assaz curioso; restam os azulejos e o pulpito do *Terço*, a *Igreja de Santa Cruz*, curiosa de fabrica e rica de azulejos, a *Misericórdia* com a sua *Nobiliarchia* manuscripta e a frescura da sua matta, — e finda a peregrinação á historica *villa de Barcellos* fidalgo e mais antiga do que a monarchia, casal de guerreiros, ninho de poetas e berço de reis.

O *Valle do Tamel*, a Franqueira e Ayró com a ruinaría do Mosteiro de Villar dos Frades e ainda as derivantes de Vianna do Castello, da Povoia de *Veracini*, uma fuga á enseada de Apulia, ás Caldas do Eirógo, a meia hora de caminho pittoresco e poetico, e a villa de Espozende, compensam as canceiras da jornada e albergam o ambito d'esse concelho, tão rico na sua vida rural como nas reliquias da sua historia.

Não tem mais arte do que a que lhe douu a antiguidade, não tem grande industria além d'uma agonisante olaria regional e d'uma fabrica de serração, destruidora das mattas cumvisinhas.

Mas tem as suas pedras e tem o seu Cavado cujas aguas celeanas sussurram a grandeza e a poesia do Passado.

Joaquim Leitão.

## Diplomacia brasileira

O Governo brasileiro cedeu espontaneamente ao Uruguay o territorio fluvial do rio Jaguarão da lagoa Mirim.

Este territorio não estava em letigio; pertencia ao Brasil, em virtude de tratados indiscutíveis. A posse, economicamente, era vantajosissima para o Uruguay e o Brasil considerando sómente a amizade que o liga ao Estado visinho, cedeu este territorio por um acto inteiramente espontaneo.

Não conhecemos outros exemplos de cessão de territorio feito n'estas condições, e o mais notavel é que ultrapassa os effeitos esperados do recurso á justiça internacional, ao arbitramento.

Neste caso era impossivel sonhar com um arranjo arbitral; não havia e não podia haver questão. O Brasil praticou, por uma decisão de alta equidade em favor do Uruguay, o que mesmo um tribunal arbitral não podia fazer. Assim, pois, temos um exemplo e uma lição.

Compreende-se que este acto inteiramente espontaneo de generosidade brasileira, fosse celebrado como convinha por meio de uma troca de palavras diplomaticas.

O sr. Claudio Wilman, Presidente do Uruguay, foi o primeiro que enviou os seus agradecimentos os mais calorosos ao Presidente do Brasil.

«Eu tenho a certeza, disse o Sr. Wilman, de estar muito longe da exaggeração que habitualmente produzem as satisfações na vida publica, suppondo que o dia da assignatura do nosso tratado de limites poderá ser considerado uma grande data historica no desenvolvimento politico dos dois paizes. Sou tambem muito grato a V. Ex.ª pela justa allusão feita á situação ordeira e de progresso do meu paiz. Renovando meus votos, pela prosperidade sempre crescente do Brasil, tenho o prazer de apresentar a V. Ex.ª os sinceros testemunhos de minha amizade e sympathia que são extensivos ao sr. Barão do Rio Branco, collaborador official de V. Ex.ª nesta grande obra de confraternidade internacional.»

O Ministro do Uruguay em Buenos Ayres passou ao seu collega o Ministro do Brasil naquella cidade, a seguinte nota:

«O abandono espontaneo e sem compensação alguma, de um territorio fluvial adquirido por tratado regularmente celebrado, é um acto sem precedentes nos annaes da diplomacia antiga e moderna.»

«Honra ao Chanceller Rio-Branco, de coração tão bem formado que induzio o seu paiz a seguir uma politica de ideal tão elevado e honra ao povo que unanimemente consagrou esta politica pelos sentimentos e pelos actos.»

«Não ha na historia um exemplo mais bello de magnanimidade.»

«O Brasil com seu immenso territorio, sua população de 25 milhões, seus progressos tão rapidos, surge como uma grande potencia garantidora da integridade das fracas nações da America latina. A justiça de Rio Branco é a substituta da Doutrina de Monroe.»

- Então a senhora teve tambem a desgraça de perder uma filha?
- E verdade: foi-me roubada na flor dos annos.
- Qual foi a molestia que a levou?
- Foi um alferes de artilharia.

- Ha dias estava Calino n'um café almoçando e lendo um jornal:
- Oh! Como é que tu podes fazer isto, comer e ler ao mesmo tempo?
- Ora essa! Como com um olho e leio com o outro.



Um grande incendio na Avenida Casal Ribeiro, ao Maladouro  
Os bombeiros trabalhando no rescaldo

Clichés de A. C. Lima.

# A questão de Beja



**Conselheiro Wenceslau de Lima**

*Presidente do Conselho de Ministros  
e actual Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça*



**Conselheiro Francisco de Medeiros**

*Ex-Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça*

Os acontecimentos politicos dos ultimos dias puzeram em fóco os nomes dos srs. conselheiros Wenceslau de Lima e Francisco de Medeiros e o do sr. bispo de Beja. São os retratos d'essas tres individualidades que hoje publicamos.

Foi deveras para lamentar que se não conciliassem as opiniões do ministro da justiça com as dos seus collegas do governo, e que de um conflicto, cuja solução se tornára irreductivel, resultasse a sahida do sr. conselheiro Medeiros.

O que nós concluimos da attenta leitura de documentos até agora publicados é que as questões mal encaminhadas são as mais perigo-



**O Senhor D. Sebastião, Bispo de Beja**

sas, e que nas consequencias que d'ellas derivam, a maior parte das vezes impera mais a orientação seguida do que a propria essencia d'essas questões.

Como quer que fosse, quaesquer que tivessem sido as razões que provocaram a attitude do ministro da justiça perante o prelado de Beja, sinceramente sentimos o conflicto e os resultados politicos por elle produzidos.

## EM CASCAES. — Festa de caridade, no parque Gandarinha, em favor do Instituto D. Affonso



(Cliché de A. C. Lima).

Grupo de senhoras vestidas á moda japoneza

Promovida pelas sr.<sup>as</sup> D. Maria de Lencastre (Alcaçovas), viscondessa de Santo Thyrso, D. Branca Ferreira Pinto Basto, D. Maria Lourdes e D. Maria Wanzeller, realisou-se no dia 24 do mez findo em Cascaes, no parque Gandarinha, magnifica propriedade do sr. conde dos Olivaeas, a costumada festa de caridade em beneficio do Instituto D. Affonso, concorrendo a ella numerosa assistencia, especialmente de pessoas da nossa primeira sociedade, dando á sympathica festa um brilhantismo que a objectiva do nosso photographo procurou reproduzir nos clichés que a seguir publicamos.

## Centenario da Guerra Peninsular

Lisboa, 16 de Outubro, de 1909.

... Sr. Director do Brasil-Portugal

Respondendo á carta do Sr. Bernardo da Silveira, inserta no Brasil-Portugal de 1 do corrente, permitta-me v. que, pela ultima vez, eu venha importuna-lo, pedindo-lhe a publicação dos dois documentos, cujas copias authenticas remetto, e que são a melhor e mais completa resposta ás diferentes considerações d'aquelle cavalheiro.

Sómente quero frisar os seguintes pontos:

1.<sup>o</sup> Que a Regencia da Terceira não annullou nem podia annullar, todos os actos do Sr. D. Miguel; e a prova é que subsistiram todas as decisões judicias proferidas n'essa época, trancando-se apenas o nome do Sr. D. Miguel, nas respectivas cartas de sentença.

2.<sup>o</sup> Que a resalva de direitos de terceiros, na carta de legitimação de minha avó, se refere unicamente a algum filho legitimo, que o Marquez de Chaves ainda podesse vir a ter do matrimonio, e não a quaesquer outros dos seus parentes.

3.<sup>o</sup> Que o titulo de Marquez de Chaves, que me foi dado por El-Rei o Senhor Dom Carlos, não é um titulo novo, mas uma renovação em segunda vida, do titulo de meu bisavó, o primeiro Marquez de Chaves, unico filho varão do primeiro Conde de Amarante.

Agradecendo a publicação d'esta carta, me confesso, com toda a consideração,

De v., etc.

JOSÉ CULMIEIRO DA SILVEIRA PINTO DA FONSECA  
3.<sup>o</sup> Marquez de Chaves

DOM CARLOS, por Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves etc. Faço saber que havendo-Me requerido José Culmieiro da Silveira Pinto da Fonseca, que no Real Archivo da Torre de Tombo, se lhe passasse por certidão o teor da carta de legitimação de

Dona Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca passada em quatro de Fevereiro de mil oitocentos vinte e sete, a requerimento do Marquez de Chaves, e obtendo despacho do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, em seu cumprimento se procedeu á competente busca, e no Livro onze da Chancellaria de El-Rei Dom Pedro o Quarto a folhas vinte e quatro, foi encontrada a carta pedida cujo teor é como segue: Faço saber aos que esta carta de Legitimação virem, que o Marquez de Chaves Me representa por sua petição Que no estado de solteiro tivera de mulher viuva e Nobre uma Filha natural chamada Dona Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca, a qual se achava Educanda no Convento da Vizitação d'esta Côrte. E porque elle supplicante muito desejava que ella fosse Legitimada por Decreto Meu, no que convinha a Marqueza sua mulher assignando o seu requerimento: Me pedia que fosse servido conserder-lhe essa Graça e Mercê á dita Dona Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca. De Minha certa sciencia, Poder Real e Absoluto Dispenso com ella e a Legitimo e Habilito, Faço Ligitima e habil, Quero e outorgo que haja, e possa haver todas as Honras, Privilegios, Liberdades, Dignidades, e officios assim publicos como privados que de effeito, e de Direito haver poderia se de Legitimo matrimonio nascida fora. Que possa haver e herdar os bens do Marquez seu Pay, e de outras quaesquer pessoas que lhes derem e deixarem, assim por Testamentos como por codicilos, e por outra qualquer maneira de Doação, e que as ditas pessoas lhe possam fazer quaesquer Doações, assim inter vivos como causa mortis, tanto puras como condicionaes, e que ella as haja e possa haver assim aquellas que lhes forem feitas por Mim como por outras quaesquer pessoas: E que possa succeder em Morgados, heranças e direitos que lhe forem dados e deixados por qualquer maneira que seja por aquellas pessoas que para isso poder tiverem, com tanto que não sejam Bens e Terras pertencentes á Minha Real Corôa. Outro sim Quero que por esta carta de Legitimação haja a dita Dona Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca a Nobreza, e Privilegios della que por Direito commum, Leis, Ordenações e Izenções deste Reino deveria haver se de legitimo matrimonio nascida fora não embargando quaesquer Leis, Decretos, Decretaes, costumes, constituições, oppiniões de Doutores, e quaesquer outras cousas que esta Legitimação poderia annullar, ou embargar, posto que taes se-



Festa de caridade, no parque Gandarinha, em Cascaes em favor do Instituto D. Affonso

Uma installação chinesa — A filha do sr. ministro da Hespanha vendendo flores

jão que d'ellas se deva fazer expreça e declarada menção, porquanto aqui as Hei por expressadas, e Quero que nesta Carta de Legitimação não tenham lugar, porque Minha Tenção he de a Legitimar o mais firmemente que o Possa Fazer, e ella pode e deve ser, salvo o Direito de Terceiro, e o que pode resultar das clauzulas de Instituições e Fundações, observando-se as Leis e costumes do Reino como sempre se praticou, e supro toda a falta de solemnidade que de facto, e de Direito for necessario para esta Legitimação ser mais firme, e valiosa, mas não he Minha Tenção por ella ser feita como dito fica prejuizo a alguns herdeiros Legitimos, se os houver ou a outras quequer pessoas que algum direito hajão nos ditos bens e couzas que assim lhe forem dadas e deixadas. Por firmeza de tudo lhe Mandei passar esta carta de que pagou de Novos direitos duzentos reis que se carregarão ao Thesoureiro delles a folhas dez do livro segundo da sua receita, como constou de um conhecimento em forma registado a folhas sete do Livro cem do registo geral O Mandou por seu especial Decreto pelos Ministros abaixo assignados do seu conselho e seus Dezembargadores do Paço — Joaquim Ferreira dos Santos a fez em Lisboa a quatro de fevereiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos vinte e nove — Dom José Francisco de Lencastre — Manoel José de Arriaga Brum da Silveira.

DOM CARLOS por Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber aos que esta Minha Carta virem que, Atendendo ás qualidades e circumstancias, que concorrem na pessoa de José Culmeiro da Silveira Pinto da Fonseca, e Querendo Renovar *Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, Hei por bem Acrescentar ao Titulo de Marquez de Chaves uma vida para ser verificada desde já no dito José Culmeiro da Silveira Pinto da Fonseca.* Pelo que Mando Eu passar ao agraciado a presente Carta a fim de poder chamar-se d'ora em diante Marquez de Chaves e gosar d'este Titulo



Festa de caridade, no parque Gandarinha, em Cascaes em favor do Instituto D. Affonso

(Cliché de A. C. Lima).

A tenda das moleiras

com as honras, prerogativas, preeminencias e vantagens que, pelas Leis e Regulamentos se acharem estabelecidos, Ordeno ás auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta mesma Carta pertencer, que, indo assignada por Mim e referendada pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, a cumpram e guardem como nella se contem, depois de authenticada com o sello pendente das Armas Reaes, o de verba, e com a nota de registo nos livros das Repartições competentes. Fica obrigado ao pagamento da quantia de dois contos oitocentos e oitenta mil reis de direito de mercê, devendo, logo que esteja validado o mesmo pagamento, apresentar este diploma na Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda para, nos termos do Regulamento de vinte e oito de Agosto de mil oitocentos e sessenta, se exarar n'ella a necessaria quitação, sem a qual não terá inteira validade.

Dada no Paço das Necessidades, em dez de abril de mil novecentos e cinco.

## Um bom livro

### “A Evolução do Theatro” — De Eduardo de Noronha

Foi uma surpresa! Topámos com elle ao acaso, n'uma livraria, encimando uma alta e symmetrica ruma de volumes. Feriu-nos a retina o titulo. Tomámos-lhe o peso, meio desconfiados, descrentes ainda, com a indecisão que existe entre um sonho e o despertar. Procurámos avidamente o nome do auctor... — Eduardo de Noronha... — Ah!... respirámos; não havia duvida, era uma verdadeira *Evolução do theatro*, o que é mais, uma



Festa de caridade, no parque Gandarinha, em Cascaes em favor do Instituto D. Affonso

Grupo de moleiras

verdadeira evolução no nosso meio litterario, tão pobre em assumptos d'esta natureza.

O grosso volume de cerca de quinhentas paginas, que sustentavamos, representava o preenchimento de uma enorme lacuna.

A parte pequenos artigos dispersos em jornaes e em revistas litterarias, o assumpto fóra sempre descuroado entre nós, e a carencia de um livro que em lingua portugueza nos dêsse uma ideia lucida da origem e do desenvolvimento do theatro atravez de todos os tempos e em todos os paizes, era absoluta.

E, pois, este, um prestimoso trabalho que honra o seu auctor, cujo nome de ha muito está consagrado na nossa litteratura. Cital-o, é relembrar toda a sua obra de jornalista, de critico e de escriptor; é fazer ecoar aos nossos ouvidos todas essas paginas fulgurantes, preciosas pela belleza da fórma e pelos proveitosos ensinamentos que encerram. Trabalhador incançavel, os seus livros, sobre os mais variados e divergentes assumptos, succedem-se, vertiginosamente, uns aos outros, sempre n'uma gradação crescente de fecundidade, sem deixarem transparecer a menor fraqueza, parecendo antes que em cada um que apparece uma nova scentelha de talento irradia do seu cerebro fecundo.

Neste a que ora nos vimos referindo, começa o sr. Eduardo de Noronha por nos fazer umas breves considerações sobre a *maneira* da composição do drama, tomando por base — «que é na *idéa* dramatica que existe o germen da acção da peça e não no assumpto.» Consagra tambem um capitulo ao estudo do *desenlace e caracteres*, e, nos seguintes, desenrola á nossa vista todo o antigo theatro Indio, o Chinez, o Grego, o Romano, o Inglez, o Francez, o Hespanhol... emfim, fala-nos do theatro de todos os paizes, de todas as epochas, citando todos os grandes auctores, como Eschylo, Sophocles, Lope de Rueda, de Vega, Calderon de La Barca, Gil Vicente, Shakespear, Hans Sach, Molière, Racine, Corneille, e por ahí fóra até aos



Festa de caridade, no parque Gandarinha, em Cascaes em favor do Instituto D. Affonso  
*Um acampamento de ciganos*



Festa de caridade, no parque Gandarinha, em Cascaes em favor do Instituto D. Affonso  
*(Cliché de A. C. Lima). Grupo de ciganos*

mais modernos, como Scribe, Augier, Dumas, Sardou, Pinero, Galdós, etc., e sem esquecer os nossos.

Dedica um extenso capítulo ao theatro brasileiro, ao qual prophetisa um largo futuro; enumera todos os seus auctores dramaticos, as suas obras; e termina com umas reflexões sobre a manciara de estudar dos actores; a claue; o palco e os seus mecanismos; a verdade do theatro; que bem mereciam ser lidas por todos os que estão ligados ao theatro: — auctores e actores.

É tudo isto resumindo, sim, mas dizendo o preciso, com clareza, sem deixar a menor sombra de duvida.

O que aqui deixamos dito, não é mais que a expansão do grande entusiasmo que nos causou o apparecimento de um estudo correlativo a uma arte tão bella e tão sublime da qual somos verdadeiros apaixonados.

Se conhecessemos pessoalmente o illustre escriptor, pedir-lhe-iamos nos desse mais algum volume no genero d'este, pois, creia, que prestaria assim um grande serviço á nossa arte dramatica, que tão maltratada anda, coitada! — Falta-nos ainda tanto que aprender ...

M. RUY DOS SANTOS.

## Theatros

**Rua dos Condes.** *A abelha mestra*, revista em 3 actos e 12 quadros, de Celestino da Silva. — **Avenida,** *Vivalegre*, parodia em 3 actos, de Alvaro Cabral, á *Viva alegre*.

Já aqui nos referimos a esta peça quando da primeira vez que subiu á scena. Fez-lhe agora o auctor umas pequenas modificações, metteu-lhe tres quadros novos, para a *esticar* até á meia noite, do mesmo sabor dos outros, e que, por tanto, agradaram.

Para a companhia entraram alguns elementos de valor, como Accacia Reis, Maria Dolores, Humberto do Amaral e Martins dos Santos, que se houveram de modo a conquistar os applausos do publico.

O *Vivalegre* é um viuvinho quasi imberbe, com trez mil contos de réis, que é feito socio de merito do Club dos Aliradiços, onde ha muitos *gajos* e *pégas*, que lhe querem sugar as *massas* — isto tudo é da peça, que foi temperada pelo sr. Alvaro Cabral com alguns di-

ctos de espirito, salgadinhos, é verdade, mas que o publico recebeu com agrado, porque applaudiu e gargalhou desmesuradamente.

O auctor deve estar satisfeito, porque, segundo crêmos, não visou outra cousa quando executou o seu trabalho. Felicitamo-lo.

A musica, de Del Negro, parte original, parte coordenada, é excellente. A ella deve o *Vivalegre* uma grande parte do seu exito.

Do desempenho ha a destacar: Julia Mendes, n'um papel da sua feição, que interpretou primorosamente; Isaura, que nos deu uma excellente caracteristica, Isabel Ferreira, n'uma esposa *modelo*, e Julia Paredes, graciosa como sempre.

Dos homens, temos em primeiro logar Alvaro Cabral e Simões Coelho, que é pena não estar n'um theatro de comedia, genero que se coaduna mais com o seu temperamento artistico, em que ha muito de aproveitavel. Santos Mello, bem, n'um papel comico em extremo, e Amarante equilibrou-se no *Vivalegre*. Os còros muito afinados, o que nem sempre succede.

O que lhe desejamos é longa vida e *viva alegre*.

Ruy.

Dos outros theatros que funcçionam já falámos nos numeros anteriores. Na **Trindade** continua *O paiz do vinho* a embriagar de alegria e a entusiasmar até aos applausos mais calorosos os espectadores de todas as noites. No **Gymnasio** teem-se exhibido as melhores comedias e *charges* do repertorio antigo e por ellas teem passado os artistas queridos do publico d'aquelle theatro. No **Principe Real** está a dar a alma a Deus *A questão dos venenos*, cançada de a ter dado ao publico em noites consecutivas, mas segura de que foi triumphal a sua carreira. Do **Colyseu** nem falar. A excelente companhia d'este anno, os applausos com que tem sido acolhida e por um publico que, não obstante revesar-se, enche o vasto recinto todas as noites, são a prova real do valor, da competencia, de Antonio Santos para organizar companhias e espectaculos que por completo satisficam os espectadores.

E **D. Amelia?**

Muito de proposito reservamos para o fim o theatro elegantissimo que acaba de abrir as suas portas com uma das melhores peças de um repertorio inexgotavel. Uma saudade dolorosa tolhe-nos, porém, o prazer de nos demorarmos a conversar sobre projectos, sobre peças novas, sobre companhias estrangeiras, sobre os nomes e as glorias dos artistas celebres que vão fazer esta epoca a vida e o encanto não só da Lisboa intellectual, mas de toda a Lisboa que se diverte ou que tem pelo menos o direito de divertir-se. Portanto, não profanemos hoje esta columna com palavras que não tenham por objectivo o luto e a magua que tombaram de subito, bruscamente, sobre aquella casa e sobre os que estão á testa da sua direcção.

Antonio Manuel era mais de que um secretario insubstituivel, mais do que um auxiliar valiosissimo; era um amigo, de uma dedicação sem limites, era, por assim dizer, o braço direito da empreza do theatro D. Amelia. Por isso a sua morte chocou, como um agravo brutal da natureza, os que mais eram seus afeiçoados, e acima de todos o bondoso visconde de S. Luiz Braga, que sentiu essa perda como se fosse a de um parente muito intimo. O enterro de Antonio Manuel foi uma solemmissima demonstração de que continuam na memoria dos que lhes sobrevivem aquelles que viveram pelo coração, pela singeleza e pela bondade.



Antonio Manuel Teixeira

† em 24 de outubro de 1909

Mais de espaço nos referimos na nossa secção theatral á morte de Antonio Manuel, aos serviços que elle prestou ao Theatro D. Amelia, ás qualidades affectivas do seu coração, e á saudade que a sua morte prematura deixou, não só aquelles que tinham a suprema direcção do theatro, mas a quantos na sociedade de Lisboa o apreciavam pela sua bondade, pela sua lhaneza e pela sua exemplarissima dedicação.

Daremos no numero immediato alguns clichés do seu enterro.